

## POÉTICA DO ABSURDO- *LIVRO DO DESASSOSSEGO*, DE FERNANDO PESSOA

### POETICS OF THE ABSURD – BOOK OF DISASSESE, BY FERNANDO PESSOA

Kênia Cristina Borges Dias

Mestra em Letras - Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica  
de Goiás – PUC/GO

[prof.keniacristina@hotmail.com](mailto:prof.keniacristina@hotmail.com)

Luzia Marina Keller Morloc

Mestra em Letras - Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica  
de Goiás – PUC/GO

[lu.keller@hotmail.com](mailto:lu.keller@hotmail.com)

Silvia do Nascimento Cardoso Ramos

Mestra em Letras - Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica  
de Goiás – PUC/GO

[nascimentosilvia4@hotmail.com](mailto:nascimentosilvia4@hotmail.com)

---

**Resumo:** Este artigo tem como mote principal apresentar uma reflexão sobre a Poética do Absurdo, a partir de definições teóricas de pensadores como Esslin, Camus e fragmentos do *Livro do Desassossego*, de Fernando Pessoa. Os autores buscam a reflexão e a nomenclatura diante de tantas adversidades existentes na linguagem. Camus trata do absurdo nas obras: *O Estrangeiro*, *O mito de Sísifo*; e *O Homem Revoltado*. Já Esslin brinda-nos com *O Teatro do Absurdo*. *O homem revoltado* é construído sobre dois pilares que serão a base para todo o desenvolvimento: o assassinato e a noção de absurdo. As duas ideias têm mais relação do que aparentam. Para Camus, o homem se frustra ao querer encontrar um sentido para a existência, na leitura ocorre um processo análogo: o leitor que ainda não está familiarizado com o sentimento do Absurdo tentará dar sentido aos atos de Meursault, julgá-lo segundo suas normas habituais, assim, também se frustrará e o condenará. Camus ao utilizar o Mito de Sísifo caracteriza seu trabalho como inútil e sem esperança. Fazendo assim, um retrato do vazio em que vivemos e do dilema enfrentado pelo homem contemporâneo que destaca o mundo imerso em irracionalidades.

**Palavras-chave:** Absurdo. Desassossego. Literatura. Revolta.

**Abstract:** This paper's main theme present a reflection on the poetics of the Absurd, from theoretical definitions of thinkers like Esslin, Camus and fragments of the Book of Disquiet by Fernando Pessoa. The authors seek nomenclatural reflection face of such adversity existing in the language. Camus, is the absurdity in the works: *The Stranger*, *The Myth of Sisyphus*; and *The Rebel*. Esslin already provides us with the Theatre of the Absurd. Man angry is built on two pillars that will be the basis for all development: the murder and the notion absurd. The two ideas have more to do than they appear. For Camus, man is frustrated to want to find a meaning to life, reading is a similar

### Building the way

process: the reader who is not familiar with the feeling of the Absurd tries to make sense of acts of Meursault, judge him according to his usual standards thus also frustrate and condemn him. Camus using the Myth of Sisyphus characterizes his work as useless and hopeless. By doing so, a portrait of the emptiness in which we live and the dilemma faced by modern man which highlights the world steeped in irrationality.

**Keywords:** Absurd. Disquiet. Literature. Revolt.

---

### **A Poética do Absurdo: o Sentido do Sem Sentido**

163

A poética do absurdo expressa o sentido do sem sentido da condição humana, e a inadequação da abordagem racional, por meio do abandono dos instrumentos da lógica e do pensamento discursivo e o realiza via poesia que emerge das imagens concretas e objetificadas do próprio ato artístico.

A expressão Teatro do Absurdo foi denominada por Martin Esslin, que fizera dela o título de seu livro sobre o tema, publicado pela primeira vez em 1961 e posteriormente revisto em duas edições. A temática foi, também, utilizada de modo similar por Albert Camus em suas obras, principalmente em *O homem revoltado*, *O Mito de Sísifo* e *O Estrangeiro*. Em seu ensaio filosófico *Le mythe de Sysiphe*, Camus fala sobre o conceito de Absurdo. Este diz respeito à atitude do homem confrontado ao sem sentido da existência. Para Camus, o homem se frustra ao querer encontrar um sentido para a existência, na leitura ocorre um processo análogo: o leitor que ainda não está familiarizado com o sentimento do Absurdo tentará dar sentido aos atos de Meursault, julgá-lo segundo suas normas habituais, assim, também se frustrará e o condenará. Na conclusão final, Camus não mostrou o Absurdo ao leitor, mas fê-lo sentir o absurdo. Dessa forma, é o próprio processo de leitura do romance que, confrontando a busca humana por um sentido diante da história, a busca pela coerência dos atos de um personagem, faz que o Absurdo apareça. O leitor percebe, assim, a própria absurdidade de sua leitura, sempre em busca de um sentido.

A introdução do livro *O homem revoltado* é construída sobre dois pilares que serão a base para todo o desenvolvimento: o assassinato e a noção de absurdo. As duas ideias têm mais relação do que aparentam. O homem conhece o absurdo da existência à medida que percebe nela a ausência de um sentido e de uma unidade. Camus analisa e critica vários dos movimentos de revolta, sejam metafísicos, históricos ou artísticos: como tolerar o assassinato? Como suportar a ideia de que a busca pela unidade gera opressão e morte? “O homem é a única criatura que se recusa a ser o que é. A questão é saber se esta recusa não pode levá-lo senão à destruição dos outros e de si próprio, se toda revolta deve acabar em justificação do assassinato universal” (CAMUS, 2011, p. 21). “A revolta nasce do espetáculo da desrazão diante de uma condição injusta e incompreensível” (p. 21). Mas ela não

### Building the way

encontra no absurdo da existência algo que justifique suas atitudes. É necessário procurar, dentro da própria revolta, fundamentos para seu modo de se conduzir na atualidade. “É preciso, portanto que a revolta tire suas razões de si mesma” (p. 21):

O mal que apenas um homem sentia torna-se peste coletiva. Na nossa provação diária, a revolta desempenha o mesmo papel que o cogito na ordem do pensamento: ela é a primeira evidência. Mas essa evidência tira o indivíduo de sua solidão. Ela é um território comum que fundamenta o primeiro valor dos homens. Eu me revolto, logo existimos [...]. O mal que apenas um homem sentia torna-se peste coletiva. Na nossa provação diária, a revolta desempenha o mesmo papel que o cogito na ordem do pensamento: ela é a primeira evidência. Mas essa evidência tira o indivíduo de sua solidão. Ela é um território comum que fundamenta o primeiro valor dos homens. Eu me revolto, logo existimos (CAMUS, 2011, p. 35).

A proposta é, assim, debater a teoria sobre a estética do absurdo com enfoque nos aspectos apresentados no próprio texto-*corpus* e interligado às teorias de Camus e Esslin.

### **O Livro do Desassossego de Pessoa e O Homem Revoltado, de Camus**

O absurdo pode ser entendido como algo que se encontra em desacordo, desarmônico. Do latim, *absurdu*, ou seja, contrário à razão, contraditório, disparatado. Significados esses que não abrangeriam por completo o caráter desassossegado do escritor português Fernando Pessoa.

A poética do absurdo traz uma tentativa de definir a categoria do ser, o sentido do sem sentido da condição do ser humano, carregando o desajustamento findado abordagem natural e racional, por meio da “[...] literatura, que é a arte casada com o pensamento e a realização sem a mácula da realidade, parece-me ser o fim para que devesse tender todo o esforço humano [...]” (PESSOA, 1999, p. 31). Fim do abandono dos instrumentos da lógica e do pensamento discursivo e o realiza via poesia que emerge das imagens concretas e objetificadas do próprio ato artístico.

Para Camus a origem do “absurdo” acontece quando tentamos dar sentido a um mundo sem sentido. Diante de conflitos tais como os desejos supérfluos e a certeza da extinção do homem e do universo. E sua obra continua a nos desafiar sobre o dilema da futilidade do esforço e da certeza da extinção do homem e do universo. Passar dos fantasmas da fé para os espectros da razão é somente ser mudado de cela. A arte, se nos liberta dos manipulados assentes e obsoletos, também nos liberta

### Building the way

das ideias generosas e das preocupações sociais – manipulando também (PESSOA, 1999, p.35).

Essa mudança de cela, essa liberdade que a arte nos proporciona, nos livrando das preocupações e dos feitiços, destacadas por Pessoa em sua obra *Desassossego*, acrescenta-se a transição das questões de fé para a razão e a lógica, devem também dar um salto nas reflexões de Camus em o *Homem Revoltado*. “A análise da revolta nos leva pelo menos a suspeita de que há uma natureza humana, como pensavam os gregos, e contrariamente aos postulados do pensamento contemporâneo” (CAMUS, 2011, p.21).

O *homem revoltado* é a soma de uma grande bagagem de Camus como filósofo, escritor e humano. De forma irreverente das práticas filosóficas que defendem sistemas teóricos abstratos, ele busca defender o homem através de um humanismo sincero. O “eu” e o “outro” em perfeita posição de equidade nas primícias de sua obra.

Nada saberemos, enquanto não soubermos se temos o direito de matar este outro que se acha diante de nós ou de consentir que seja morto. Já que atualmente qualquer ação conduz ao assassinato [...], não podemos agir antes de saber se, e porque, devemos ocasionar a morte. (CAMUS, 2011, p.8)

Camus não valora os conteúdos distantes dos homens, conteúdos abstratos possíveis de serem apropriados apenas pelos “escolhidos”. Seus conteúdos filosóficos são acessíveis a todos os homens; possíveis, mas não praticados. São práticos, provocam ações. São conteúdos que trazem em sua essência reflexões quanto o viver, o sentido, o absurdo, por final, refletem sobre questões que geram verdadeiras turbulências em nós, que põem em questão nossa existência, o suicídio. O objetivo deste trabalho em Camus, *O homem revoltado*, é fazer com que se aceite a realidade atual, que o crime é lógico, ter maior critério ao observar suas justificativas, discutir o assassinato e a revolta. A proposta é iniciar uma reflexão a respeito do suicídio e da noção de absurdo. Reflexões direcionadas ao absurdo, mas de certa forma contraditória quando se trata de assassinato. Camus quando propõe à aceitação do absurdo o objetivo em primeira instância é eliminar uma regra de ação, tornar o crime de morte aceitável, indiferente. Uma indiferença total aos valores, em suma nada se tem importância. O assassino não está correto e nem incorreto (CAMUS, 2011, p.9). Camus ao tecer o comentário sobre tornar o crime da morte, e,

### Building the way

em torná-lo aceitável, leva-nos a entrelaçar suas ideias com as de Fernando Pessoa, ao dar um tom de insignificância para a morte como se observa neste trecho:

A humanidade tem medo da morte, mas incertamente; o homem normal bate se bem em exercício, o homem normal, doente ou velho, raras vezes olha com horror o abismo do nada que ele atribui a esse abismo. Tudo isso é falta de imaginação. Nem há nada menos de quem pensa que supor a morte um sono. Por que o há de ser se a morte se não assemelha ao sono? O essencial do sono é o acordar-se dele, e da morte, supomos, não se acorda. E se a morte se assemelha ao sono, deveremos ter a noção de que se acorda dela. Não é isso, porém, o que o homem normal se figura: figura para si a morte como um sono de que não se acorda o que nada quer dizer. A morte, disse, não se assemelha ao sono, pois no sono se está vivo e dormindo; nem sei como pode alguém assemelhar a morte a qualquer coisa, pois não pode ter experiência dela, ou coisa com que a compara. A mim, quando vejo um morto, a morte parece-me uma partida (PESSOA, 1999, p. 38, 41.).

Se a intenção é se posicionar frente à atitude absurda da morte, tanto Camus, como Pessoa sugerem a indiferença aos valores. Isso é, seja lógico, prepare-se para matar. Em nome da lógica, tudo ficaria por isso mesmo, dando-lhe a satisfação devida. A lógica não se satisfaz, o que acontece é que o assassinato, em dado momento, é possível e impossível. A análise absurda torna indiferente ao ato de matar e acaba condenando-o, como afirma Camus.

A conclusão última do raciocínio absurdo é, na verdade, a rejeição do suicídio e a manutenção desse confronto desesperado entre a interrogação humana e o silêncio do mundo. O suicídio significaria o fim desse confronto, e o raciocínio absurdo considera que ele não poderia endossá-lo sem negar suas próprias premissas. Tal conclusão, segundo ele, seria fuga ou liberação. Mas fica claro que, ao mesmo tempo, esse raciocínio admite a vida como o único bem necessário porque permite justamente esse confronto, sem o qual a aposta absurda não encontraria respaldo (CAMUS, 2011, p.10).

Essa “doença do espírito”, a aceitação do absurdo propõe em viver o corte, se entremear no espírito de divisão, uma partilha entre homem e o mundo, um despropósito em consequência da cobiça humana por um sentido e o descaso do mundo. O absurdo provém de uma trindade e só permanece enquanto seus três elementos o persistem: O homem, o mundo e a comparação. Uma das características dessa trindade é não poder dividir-se. A destruição de um desses termos é a própria destruição do todo. Fora de um espírito humano, não haverá absurdo. Como o fim de

### Building the way

167

todas as coisas é a morte, “o absurdo também termina com a morte”. Salaria ainda se tratando do absurdo, é que “não há pró nem contra, o assassino não está certo nem errado” (CAMUS, 2011, p. 21). Esboçando as reflexões de Camus quanto ao absurdo da morte ligada ao ser humano, Fernando Pessoa expõe suas afirmações a um contexto desapegado da morte. Considero então que coisa é esta a que chamamos morte. Não quero dizer o mistério da morte, que não penetro, mas a sensação física de cessar de viver (PESSOA, 1999, p. 38). A partir dessas reflexões, há os seguintes questionamentos.

Será que o assassinato se torna legítimo? Se no sentimento absurdo não há um objetivo, o mundo é imoral, assim, não há bondade nem maldade, certa nem errada, louvável nem condenável, tudo se permite e as ações são dirigidas de maneira eficaz e pela lógica. É pela lógica que Camus traz justificativa para o assassinato e sua ilegitimidade, e que o outro tem seu “direito à vida” ileso. Pode assim dizer que, o espírito de discernimento do outro tem a mesma obrigação de viver que meu espírito de discernimento, isto é minha consciência, para manter um persistente conflito “homem-mundo”, e preservar o sentimento do absurdo. Em Camus, a vida sempre é superior à morte, devemos preservar em nossa consciência, a divisão “homem mundo” (CAMUS, 2011. p.12).

E observamos que no absurdo não existe o porquê dos fatos e o mundo não tem objetivo, do absurdo a indiferença, logo vem o sentimento de revolta “que não nasce única e obrigatoriamente, entre os oprimidos, podendo também nascer do espetáculo da opressão cuja vítima é outro” (CAMUS, 2011, p. 20). Nesse espetáculo do absurdo de que Camus retrata, Fernando Pessoa endossa. “Quero sorrir de tudo isto, mas sinto um grande mal-estar. Sinto um frio de doença súbita na alma. Não tenho força para me revoltar contra esse absurdo” (PESSOA, 1999, p. 30). Nesse contexto de revolta mediante aos absurdos da vida, Fernando Pessoa, ao observar o outro no contexto do “espetáculo da existência,” citado por Camus, acrescenta.

Todos têm como eu, um coração exaltado e triste. Conheço-os bem: uns são moços de lojas, outros são empregados de escritório, outros são comerciantes de pequenos comércios; outros são os vencedores dos cafés e das tascas, gloriosos sem saberem no êxtase da palavra egotista, a contento no silêncio do egotismo avaro sem ter que guardar. Mas todos, coitados, são poetas, e arrastam, a meus olhos, como eu aos olhos deles, a igual miséria da nossa comum incongruência. Têm todos, como eu, o futuro no passado (PESSOA, 1999, p. 49-50).

Na revolta está tácito um valor que é alto à humanidade. A afirmação tácita que envolve o ato de revolta abarca algo que vai além do indivíduo, à medida que o transporta de sua solidão, se insere no coletivo, fornece-lhe um motivo para agir. A revolta é uma forte atitude contrária ao absurdo: é na existência do absurdo que promove a angústia em nossas vidas e faz com que não compreendamos a atração do mundo, é por esse processo que devemos ser mais determinados em nossas revoltas. Só assim a revolta servirá como neutralizante para nos proteger da intempérie do absurdo. Para Camus “o homem revoltado tem consciência dos seus direitos”, é revoltando que demonstramos a essência de nosso próprio ser, por meio dela nos tornamos mais humanos (CAMUS, 2011, p. 25). É nesse processo de revolta onde o absurdo persiste, com ele ou contra ele, se faz necessário a revolta, em uma condição de um regresso contínuo, condição exigida ao herói absurdo, Sísifo.

Os deuses tinham condenado Sísifo a rolar um rochedo incessantemente até o cimo de uma montanha, de onde a pedra caía de novo por seu próprio peso. Eles tinham pensado, com suas razões, que não existe punição mais terrível do que o trabalho inútil e sem esperança (CAMUS, 1942, p.161).

A mitologia grega analisa Sísifo como sendo o mais sagaz dos mortais. Mestre da malícia e da felicidade. Ele era um grande agressor dos deuses que, com sua esperteza conseguiu driblar a morte por duas vezes, enganando os deuses Tânatos e Hades. Camus ao utilizar o Mito de Sísifo caracteriza seu trabalho como inútil e sem esperança. Fazendo assim, um retrato do vazio em que vivemos e do dilema enfrentado pelo homem contemporâneo que destaca o mundo imerso em irracionalidades. O homem passa muito tempo procurando um sentido para a vida. Essa eterna busca é um verdadeiro esforço inútil; assim como “Estabelecer teorias, pensando-as paciente e honestamente, só para depois agirmos contra elas – agirmos e justificar as nossas ações com teorias que as condenam” (PESSOA, 1999, p.29). Logo, um gesto qualquer irrompe a sensação neurótica de perda da realidade e da arte que criava sua vida, arte essa que só existe agora na entrega do fazer e refazer definidas por Pessoa, como o absurdo que vivemos nessa inteira e incompleta vida.

Do mesmo modo que Camus utiliza o Mito de Sísifo caracterizando seu trabalho como inútil e sem esperança, Fernando Pessoa julga-se, através de Bernardo Soares, ser incapaz para a vida, O reconhecimento de sua inferioridade, por meio da

### Building the way

noção de uma inescapável monotonia da existência, torna-o, no entanto, consciente da altivez de sua alma, de sua capacidade para a dispersão e devaneio transcendental do absurdo:

O absurdo, a confusão, o apagamento – tudo que não fosse à vida... E durmo, a meu modo, sem sono nem repouso, esta vida vegetativa da suposição, e sob as minhas pálpebras sem sossego paira como a espuma quieta de um mar sujo, o reflexo longínquo dos candeeiros mudos da rua (PESSOA, 1999, p. 66- 7).

Tudo quanto o homem defende ou demonstra é uma nota à margem de um texto apagado de todo. Mais ou menos, pelo sentido do absurdo, tiramos o sentido que havia de ser o do texto; mas fica sempre uma dúvida, e os sentidos possíveis são muitos. Dúvida e hesitação são os dois absurdos pilares mestres do mundo segundo Pessoa e do *Livro do Desassossego*, que é seu microcosmo, fazendo assim um retrato do vazio por meio de um verdadeiro esforço inútil. “Sei eu sequer se sinto se penso se existo? Nada: só um esquema objectivo de cores, de formas, de expressões de que sou o espelho oscilante por vender inútil” (PESSOA, 1999, p. 328).

Diante dessas utopias ideológicas do absurdo é que de alguma forma, mesmo que metaforicamente devemos nos revoltar. A revolta é a consciência de nossa condição, mas sem a paciência que deveria acompanhá-la. Aceitar o absurdo é aceitar a morte, mas recusá-lo é aceitar uma vida no precipício, na qual não se pode encontrar o conforto, mas apenas “viver num vertiginoso cume – isso é integridade, o resto é subterfúgio” (CAMUS, 1942, p. 32).

O “cume vertiginoso” para Camus é a experiência inteiramente consciente de estar vivo. Sísifo, trabalhador dos deuses, impotente e revoltado, conhece toda a extensão da sua condição miserável. Deste modo, Sísifo que está condenado à eterna repetição, consciente dela, descobre que “a lucidez que devia constituir sua tortura ao mesmo tempo coroa sua vitória”. Camus diz que devemos imaginar Sísifo feliz, pois “ser consciente da própria vida num grau máximo, é viver num grau máximo”.

A eterna repetição a qual Sísifo está condenado deve ser visto como algo positivo, porque é nela que ele pensa enquanto desce. A lucidez que devia produzir o seu tormento o consome, com a mesma força que almeja a sua vitória. Não existe destino que não se supere pelo desprezo. Se a descida, assim, em certos dias se faz para a dor, ela também pode fazer-se para a alegria.



### Building the way

A lucidez presente em Camus também consome Fernando Pessoa através de Bernardo Soares, pois ao olhar o mundo e para ele, as paisagens vistas são também sonhadas. Ao sonhá-las, encontra-se um tédio absoluto carregado de uma repetição sem fim, o mesmo tédio vivido por Sísifo numa tarefa inútil e sem propósitos. O estado de espírito presente é conduzido por uma pena absoluta de o próprio ser. Por não poder abandonar o mundo em que vive, porque isso significaria a morte, vê-se Pessoa obrigado a constatar uma piedade conflituosa com seu próprio interior.

170

Quem me dera que de mim ficasse uma frase, uma coisa dita de que se dissesse Bem feito, Como os números que vou inscrevendo, copiando-os, no livro da minha vida inteira. Nunca deixarei, creio, de ser ajudante de guarda-livros de um armazém de fazendas. Desejo, com uma sinceridade que é feroz, não passar nunca a guarda livros (PESSOA, 1999, p. 342-3).

De tal modo como Sísifo precisa fazer um trabalho repetitivo e inútil para atender aos desejos dos deuses. O absurdo em *Desassossego* de Fernando Pessoa traz a realidade do homem cada vez mais superficial e maquiada, e isso é expresso nas suas relações sociais repletas de distanciamentos, superficialismos e egocentrismos, e, o resultado com que se defronta, além da sua posição solitária no mundo, com sua subjetividade há um fazer constante de coisas inúteis com desejos de superação. “Comprar livros para não os ler; ir a concertos nem para ouvir a música nem para ver quem lá está [...]” (PESSOA, 1999, p. 60). “Simplesmente para atender a desejos sociais. O absurdo depende tanto do homem quanto do mundo. Por ora, é o único laço entre os dois. Ele os adere um ao outro como só o ódio pode juntar os seres” (CAMUS, 2011, p.35).

Igualmente o sujeito refugia-se nas percepções e, sendo elas sempre individuais, levam a uma noção de ausência da verdade absoluta e à eterna sensação de incompletude. Deste modo, o *Livro do Desassossego* consiste numa série de fragmentos provenientes da subjetividade de Bernardo Soares, suas impressões do real e as projeções oníricas, o pleno diálogo dessa duplicidade. Sendo a única verdade as próprias sensações, há uma relativização do conceito de verdade, e o ser, que sempre sente algo novo, torna-se sempre outro, um novo ser.

Viver é ser outro. Nem sentir é possível se hoje se sente como ontem se sentiu: sentir hoje o mesmo que ontem não é sentir — é lembrar hoje o que se sentiu ontem, ser hoje o cadáver vivo do que ontem foi

### Building the way

à vida perdida. Apagar tudo do quadro de um dia para o outro, ser novo com cada nova madrugada, numa revirgindade perpétua da emoção — isto, e só isto, vale a pena ser ou ter, para ser ou ter o que imperfeitamente somos (PESSOA, 1999, p.124).

O mundo não escapa por ser denso demais para penetrá-lo, exige clareza, silêncio, familiaridade, para mantermos a conformidade com as regras sociais do dizer, do ver e do pensar. Consciência bem conformada é tudo o que arte não suporta mais. Inexata medida entre palavra, psicologia e estranhamento com o mundo das noções exatas. Não somos como Sísifo que seguia ordens com efetividade, fazemos nossas escolhas. A escrita se não nos faz convergir para esse inteiro do conjunto que nossa mente dita como realidade conjugada, leva-nos a um novo espanto existencial, a escrita da ausência de todo o signo livre do sentido, “parece-me ser o fim para que devesse tender todo o esforço humano, se fosse verdadeiramente humano, (PESSOA, 1999, p. 31) ou assim ser caracterizado como um escritor sem Literatura.

### **Considerações Necessárias**

A literatura apresenta uma função privilegiada para que o indivíduo possa compreender seus direitos e também seus deveres, “a literatura, que é a arte casada com o pensamento e a realização sem a mácula da realidade” (PESSOA, 1999, p. 31), sendo assim, ela tem o poder de denunciar as transformações sociais e contribuir diretamente à formulação e à explicação das questões fundamentais concernentes à justiça, à lei e ao poder. É por meio da literatura que o leitor constrói determinadas imagens relativas ao mundo ficcional ou real, ela funciona como um espelho da sociedade.

*L'étranger Paris*, de Albert Camus, por exemplo, é repleto de absurdos e emoções, discorre sobre motes básicos à compreensão do ser humano e também da sociedade. A obra encontra-se exatamente no cruzamento entre o Direito e a Literatura. O personagem principal Mersault é o ponto crucial para a discussão da ética e para o desenrolar do processo acusativo do personagem. A obra de Camus denuncia o julgamento pervertido de uma justiça absurda. “*O Estrangeiro*” está dividido em duas partes, sendo que a primeira faz o leitor se aproximar da figura dramática principal e mostra que a personalidade foge aos padrões naturais e normais exigidos pela sociedade, ele é indiferente a tudo, é solitário, de poucas palavras, não é interesseiro e demonstra uma grande resistência em participar de rituais sociais,

### Building the way

motivo pelo qual, não deseja se incluir e nem ser incluído no pacto social. Há fatores na narrativa que contribuirão para o absurdo denunciado pela obra. Já na segunda parte, é narrado o envolvimento catastrófico vivido pelo personagem, momento em que acontece uma sucessão de episódios, os quais conduziram o personagem a cometer gratuitamente um assassinato e se transformar em réu, ficando à margem de um sistema jurídico. Mesmo diante de todo o enredo, o personagem não evidenciou remorso.

172

Pensei que passara mais um domingo, que a mãe já fora a enterrar, que ia regressar ao meu trabalho e que, no fim de contas, continuava tudo na mesma.

Hoje trabalhei muito, no escritório. O chefe foi amável. Perguntou-me se eu não estava cansado e quis saber a idade da mãe. Para não me enganar, respondi "Uns sessenta e tal", e, não sei por que, ficou com um ar aliviado, um ar de "assunto arrumado". Havia imensas cartas a responder, amontoadas sobre a minha secretária e tive que lhes dar seguimento. Antes de deixar o escritório para ir almoçar, lavei as mãos (CAMUS, 1996, p. 19).

O romance se inicia denotando completamente o estranhamento ao leitor, pela voz do personagem, "Hoje, a mãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem. Recebi um telegrama do asilo: "Sua mãe falecida: Enterro amanhã. "Sentidos pêsames". Isto não quer dizer nada. Talvez tenha sido ontem" (CAMUS, 1996, p. 3). Essa sentença é o princípio da confusão absurdiana do personagem e será corroborado ao longo da narrativa, uma vez que ampliará sua indiferença à própria progenitora, à sociedade e também ao mundo.

O leitor não se identifica com o personagem de imediato, passa com certeza um bom tempo sem alcançar um espelhamento nas reflexões e atos do narrador, porém não estará inacessível ao enredo. O protagonista sepulta a mãe, namora, passeia com amigos, extermina e encara um júri com a mesma tranquilidade, clareza e liberdade.

A essência do absurdo encontra-se na existência comum entre o homem e o mundo e não separadamente, enquanto o homem com suas vontades existirem, o absurdo existirá no mundo e de forma silenciosa. O absurdo se encontra na opressão e se dá entre o confronto da aspiração humano e sua incompetência de compreensão das coisas do mundo. O ser humano mesmo vivendo em um mundo com tantos absurdos tem a capacidade de dar significado e sentido à sua vida, Camus

### Building the way

trata dessa questão de forma que o homem se torne consciente de que sua vida é insignificante.

A única certeza que se tem é que só existe absurdo no espírito humano e como todas as coisas ele só termina com a morte. Sendo assim, a noção de absurdo é essencial, e cabe ao homem buscar e defender o que julga ser verdadeiro, para Camus, é o papel exclusivo em um mundo absurdo: viver, ser consciente de sua vida, de sua revolta e também de sua liberdade. O protagonista vive pacatamente, porém em sistema rígido. No primeiro momento da narrativa, apresenta-se como um indivíduo cínico, mas adiante na narrativa ele demonstra sua sinceridade. Sua vida é insignificante, vive em prol do trabalho e de uma série de eventos com validades intrínsecas e finitas.

Para Camus, o homem absurdo evita dar valores ao mundo e à vida, não acredita no eterno, e sim, na legitimidade e na beleza de seus atos na ocasião em que são concretizadas. Logo, todas as suas experiências se tornam equivalentes e vazias de significado, então, Mersault, era movido por impulsos, intuições básicas e por um egoísmo racional e além de ser o protagonista, ele é o narrador, é um estrangeiro na realidade social humana, mais alheio e simples.

A poética do absurdo, de Pessoa, reflete sobre a significação do indivíduo no mundo, bem como a indagação e a busca de decifração do que o ser humano é ou não é. Logo, há presença de contradição em todo o processo de reflexão, há uma construção e desconstrução do pensamento.

Tornarmo-nos esfinges, ainda que falsas, até chegarmos ao ponto de já não sabermos quem somos. Porque, de resto, nós o que somos é esfinges falsas e não sabemos o que somos realmente. O único modo de estarmos de acordo com a vida é estarmos em desacordo com nós próprios (PESSOA, 1999, p. 29).

Como se vê, com a imagem icônica “esfinges” o indivíduo se torna ícone mesmo que falsas a ponto de não se reconhecer, o que denota a dissimulação. A obra de arte não é para ser compreendida, ela apresenta a passagem para o contemporâneo por meio do estranhamento.

Por incoerente que possa parecer, o caso de Mersault, ele é funcionário comercial, tem uma rotina sólida, atribuições funcionais, tem remuneração mensal, todos esses elementos o tornam um concorrente perfeito para deixar de ter uma vida exterior. Logo, essa fixação das coisas exteriores em rotinas auxilia para que se

### Building the way

tornem absurdos. Esse funcionário só valorizava e amava o escritório e sua função, as pessoas que lá trabalhavam eram insignificantes, portanto, havia um afastamento completo de tudo. Ele também não se importava com as pessoas que estavam ao seu redor, nem mesmo com sua progenitora, pois para ele a visita o fazia perder tempo. Não demonstrava nem um pouco de sentimento para com as pessoas e nem mesmo para com a própria mãe.

Pessoa trata desse afastamento como forma de isolamento do mundo e das coisas que não interessam ao indivíduo,

174

Era um feriado incerto, legal e que se não mantinha. Havia sossego e trabalho conjuntos, e eu não tinha que fazer. Tinha-me levantado cedo e tardava em preparar-me para existir. Passeava de um lado ao outro do quarto e sonhava altas coisas sem nexos nem possibilidades – gestos que me esquecera de fazer, ambições impossíveis realizadas sem rumo, conversas firmes e contínuas que, se fossem, teriam sido. E neste devaneio sem grandeza nem calma, neste atar dar sem esperança nem fim, gastavam meus passos a manhã livre e as minhas palavras ditas altas, ditas baixo soavam múltiplas no claustro do meu simples isolamento (PESSOA, 1999, p. 31-32).

O autor não teoriza um homem contemporâneo abandonado num mundo absurdo, ele voa nas alturas. Trata-se de uma modificação paradigmática no modo de observar a realidade, o que vai além das correntes filosóficas do seu tempo. O existencialismo renunciou de certa maneira as categorias platônicas, a metafísica, mas acarretando ao mesmo tempo uma noção de homem condenado a ser livre e respectivamente condenado a um mundo absurdo que ele jamais irá compreender. Portanto, o mundo pode ser elucidado pelo raciocínio, e Esslin esclarece que,

Um mundo que pode ser explicado pelo raciocínio, por mais falho que seja este, é mundo familiar. Mas num universo repentinamente privado de ilusões e de luz o homem se sente um estranho. Seu exílio é irremediável, porque foi privado da lembrança de uma pátria perdida tanto quanto da esperança de uma terra de promessa futura. <sup>2</sup>Esse divórcio entre o homem e sua vida, entre o ator e seu cenário em verdade constitui o sentimento do Absurdo (CAMUS, A. apud ESSLIN, 1968: 19).

O mundo tornou-se terra intrigante, cromatizado de sangue, onde floresce a semente do terror. É desse sentimento do absurdo frente a um mundo enigmático que surge a dramaturgia, oposta ao arcabouço narrativo do teatro realista, com seu espaço e tempos demarcados mimeticamente e suas figuras psicologicamente

### Building the way

trabalhadas. Diante disso, nascem interpretações eletrizantes, estranhas, perpetrada de diálogos espatifados, *nonsense*, casos ridículos, assinalados por um ambiente rarefeito de prolixidades e silêncios.

Se o indivíduo pensa que a vida é um absurdo, porque ele não faz uma reflexão no quesito importância da vida x importância de sua imaginação? Questionamento importantíssimo, pois se percebe que é absurdo viver como no modo tradicional, uma vez que, em ambos os casos o homem continuaria com o mesmo conhecimento. Portanto, viver na imaginação do ser humano, trará a vantagem de habilitar o mundo, a realidade povoada pelos desejos, sonhos e com a segurança de que os sonhos jamais morreriam. Logo, a obra *O Estrangeiro* tem um mundo absurdo, o qual se sustenta basicamente na omissão informacional e ainda de conhecimento recíproco de seus personagens.

Ao longo do trabalho percebemos o homem como um ser desassossegado, que tenta encontrar sentido em um mundo sem sentido, que vê na arte, e, na literatura uma forma de se libertar dos males sobrenaturais, dos feitiços do dia a dia, que há uma mistura de fé e razão na essência do ser.

Camus traz em sua obra *O homem revoltado*, a reflexão sobre: o viver, o sentido e o absurdo, características também presentes na obra *Desassossego* de Fernando Pessoa; ambos abordam a busca de significados para a vida, onde a lógica não se satisfaz, e, o possível e o impossível caminham lado a lado, e que não há uma divisão entre homem, mundo e comparação, e, o fim dessa tríade seria a morte, isso, porque transcendemos ao aceitarmos o nosso destino sem resignação, mas passamos nossa vida toda fazendo serviços muitas vezes inúteis que nos fora imposto.

Deste modo, percebemos que Fernando Pessoa procurou proporcionar ao “ser” o livre-arbítrio, libertando-o das preocupações do cotidiano. Em sua obra *Desassossego*, buscou adequar um novo posicionamento em relação às questões de fé para a razão e a lógica. Camus procurou dar ao “ser” viver a realidade sem pessimismos e sem ter que recorrer a esperanças. Viver o aqui e o agora em detrimento daquilo que apenas poderá vir a ser e, respectivamente, de uma renúncia do nihilismo expresso nos pessimismos que levam ao desapego suicida ou terrorista.

## REFERÊNCIAS

**Building the way**

CAMUS, Albert. *L'étranger*. Paris: Gallimard, 1996.

\_\_\_\_\_. *O mito de Sísifo*. Lisboa: Livros do Brasil, 1942.

\_\_\_\_\_. *O Mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo*. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2010.

\_\_\_\_\_. *O homem revoltado*. Lisboa: Livros do Brasil, 2011.

ESSLIN, Martin. *O teatro do absurdo*. Trad. Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Zahar, 1968

PESSOA, Fernando. Correspondências retiradas de <http://arquivopessoa.net/>. Acesso em: 06/2012.

\_\_\_\_\_. *Livro do desassossego*. São Paulo. Companhia das Letras, 1999.